

# **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MENINAS DA PERIFERIA DE RIO CLARO.** Ana Gouvêa Bocchini, Profa. Dra. Célia Regina Rossi – Humanas – Educação - Licenciatura em Pedagogia – Departamento de Educação – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro

Este estudo tem por finalidade discutir, refletir e pesquisar, como se dá a construção de identidade em meninas de periferia de Rio Claro, interior de São Paulo. Pretende também entender como essa construção é afetada: pela sua história de periferia ou pela negação dessa, dando assim subsídios para entender este grupo e sua produção subjetiva.

Como as informações colocadas à disposição via mídia - escrita, digital, visual, ou falada - são digeridas pelo corpo e a mente das meninas de periferia? Como elas se constroem em meio a esse turbilhão de informações provenientes de outra cultura? E como essa construção afeta sua identidade e sua subjetividade?

Sabe-se das condições precárias da periferia. Como, então, essas meninas reagem a isso? Quanto de periferia elas trazem na construção de suas vidas e qual a importância que elas dão à periferia? Isto é, de que maneira a periferia faz parte da identidade destas meninas?

Para realizar esta pesquisa está sendo utilizada uma abordagem qualitativa, um estudo de caso, com entrevistas semi-estruturadas. Foram realizadas oito entrevistas, onde a pesquisadora procurou buscar a diversidade de sujeitos, pois eles gerarão uma variedade de fontes de informações e darão diferentes perspectivas de interpretação de dados, como bem aponta André (1995).

Ao se finalizarem as entrevistas, juntamente com as as fotos e as gravações em fitas, a pesquisadora leu e releu o material selecionado para as análises, até chegar-se a uma espécie de impregnação do seu conteúdo pela pesquisadora, levando em consideração tudo o que passará, nesse período, pelos olhares da pesquisadora, inclusive as hesitações, os silêncios, os risos e qualquer outro detalhe que essa viu e ouviu. (LUDKE & ANDRÉ, 1986).

Para análise das entrevistas, assim como para a utilização de conceitos e termos foi escolhido como referencial teórico diversos autores, entre os mais destacados: Zygmunt BAUMAN para subsidiar o conceito de identidade, Michel FOUCAULT para a subjetividade e relações de poder, Maria Rita KHEL para o gênero feminino e Luiz Eduardo SOARES para a adolescência.

A presente pesquisa está em fase de análise. A partir de questões referentes à identidade das meninas, opções de lazer, constituição da família, descrição do bairro, os sonhos que elas possuem e o que valorizam no mundo e nas pessoas, diversas reflexões estão sendo realizadas a partir do quadro teórico utilizado na pesquisa.

As meninas constroem suas identidades com tudo que está ao seu redor, com a escola, a família, a comunidade, os amigos, a T.V., a música, a dança, as atividades culturais, religiosas, etc. Todos estes fatores formam sua identidade como mulher, que se constrói como ser único e subjetivo.

Umas das reflexões apontadas na pesquisa é em relação aos sonhos das meninas. Quando são questionadas sobre seus sonhos e desejos, invariavelmente falam apenas sobre o futuro profissional, apesar de terem exemplos de mulheres (as mães principalmente) que são donas de casa, não fizeram faculdade e tiveram filhos cedo, como representa a maioria das mulheres de periferia. Algumas falas apresentam esta questão de forma muito clara. Paula<sup>1</sup> de 16 anos diz:

O meu desejo na vida... é chegar numa profissão primeiramente. Eu queria ser uma... como chama... é... aeromoça! Só que eu tenho um medo de avião! Coragem não vai! Parece que o avião vai cair, não sei... eu quero ser aquilo, mas eu tenho medo daquilo, por se lá... dá um medo assim... você tá lá... é gostoso tudo, porque você fica viajando pra lá e pra cá... e também tem que aprender inglês e espanhol, tem que saber tudo isso aí... e demora para aprender pelo o que eu fiquei sabendo... ah mais mesmo... mas eu... combato o medo e vou! Porque a batalha é imensa né...querer isso...

---

<sup>1</sup> Todos os nomes das meninas entrevistados são fictícios

Lígia, também de 16 anos tem vontade de

fazer faculdade pública, me formar e ter um emprego (risos) ah... porque assim, tipo...eu quero fazer jornalismo, é uma profissão que eu admiro pra caramba e tipo... seilá... eu to escolhendo não por grana, porque vai ser uma profissão que vai me dar grana, porque não é também né... mas assim, por prazer profissional, mas eu tenho medo de não encontrar serviço na minha área tal... ter que tipo... ser formada em jornalismo e ter que trabalhar em uma barraquinha de cachorro quente sabe?

Lilian, também 16 anos diz “desviou” de seus sonhos, dizendo que antes

eu tinha mais oportunidade né... mas agora fica mais difícil... agora eu vou ter neném... agora eu tenho que pensar no meu filho! Eu tenho que pensar mais nele do que em mim né... essa é a verdade!

Mariana, de 19 anos diz que seu sonho

é fazer faculdade (risos). Mas assim acho que tem uma coisa muito legal que o que mais faz estudar para passar no vestibular não é o sonho de passar no vestibular sabe? Eu acho que tem todo um sonho de faculdade pública que não dá para você negar que ele existe entendeu? Mas assim, eu tenho um sonho de... eu encontrei o que eu quero fazer na vida, eu coordeno um grupo de adolescentes porque eu sei que é ali que eu quero ir, eu quero trabalhar com educação informal, então assim, o sonho é essa coisa da carreira, fazer psicologia para trabalhar com o que eu já trabalho.

Outra questão que está em fase de análise é referente a mídia, que, vinculada à sociedade de consumo, vende o corpo perfeito, onde meninas querem pertencer. A mídia é encarada como um meio que pode mostrar práticas individuais não só bastante desejáveis, mas também necessárias.

O meio de comunicação social possui modos específicos para falar sobre grupos de jovens, crianças, adolescentes e mulheres, para que então, cada um destes grupos identifique-se com as imagens. No caso das mulheres são apresentadas mulheres jovens, adultas, idosas, criminosas, histéricas, “santas”, prostitutas, modelos do mundo *fashion*, mulheres da classe trabalhadora, mulheres executivas etc. Diversos modelos são mostrados para que a espectadora se identifique com uma delas: usando roupas semelhantes, falando as mesmas gírias, tendo o mesmo corte de cabelo e assim por diante. Aceitamos então o fato de que a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos subjetivos<sup>2</sup>, como apontado na fala de Cristiane, de 15 anos

(...) eu gosto de novela! Ah... eu acho legal novela assim... tipo *Malhação* fala da vida, eu acho legal, porque você vai ver o que pode acontecer com você um dia assim... mesmo que não seja real, sempre acontece, se não é com a gente, é com os outros!

Como fator muito influente na construção das identidades, a mídia exalta muito mais mulheres perfeitas, do que homens perfeitos, ditando como devem ser o cabelo, os olhos, as unhas, os pés, a bunda, os seios, a barriga, as pernas etc. Lígia, de 16 anos, ao ser questionada sobre o que gosta de fazer nos horários de lazer ressalta esta idéia da mulher como objeto.

Eu gosto de andar de skate, ler... eu leio bastante... mas não sei se isso é lazer, seilá....de vez em quando televisão... ah... eu não seleciono muito tipo... desenho, eu gosto pra caramba de desenho (risos), jornal, novela às vezes também (risos)... música eu escuto de tudo um pouco, mas eu ouço mais reagge, mpb, black music... ultimamente é o que eu tenho escutado mais, mas eu ouço de tudo menos pagode e funk.... pagode é tudo igual, fala só de amor, sempre que a mulher deixou o cara e não sei o que... e funk... rebaixa muito a mulher assim... e eu....nossa, jamais, eu detesto isso! Fala que a mulher é cachorra e não sei o que... ridículo!

---

<sup>2</sup> Pressuposto que se fundamenta na articulação dos conceitos de poder e sujeito feita por Michel Foucault (1994) apresentadas no decorrer deste trabalho.

Outro aspecto levantado para análise das entrevistas é a relação que estas meninas têm com os bairros que vivem, sendo todos eles de periferia. Em linhas gerais a população brasileira de baixa renda é a que está mais exposta à angústia e à insegurança do desemprego, enfrentando então, com uma frequência maior “tensões que desestabilizam emoções e corroem a auto-estima” (SOARES, 2005:208). Fernanda, de 17 anos, ao falar de seu bairro diz:

eu não conheço quase ninguém porque é... quer ver... minha casa, minha vizinha, mais uma casa... não tem quase ninguém, um monte de terreno, pra todo lado...(risos), não tem muita coisa lá, na verdade eu não gosto muito de lá, eu fico mais aqui no centro... e demora 40 minutos de lá aqui pedalando... mas eu venho devagarzinho... na subida eu empurro a bike...

Cristiane de 15 anos, moradora de um bairro diferente do de Fernanda relata que

Agora lá tá com essa coisa, negócio de... tem uns menino lá que vende droga na rua da casa da minha colega, que é perto da rua de casa... Ah... tá mais ou menos lá, já tá melhor do que tava no final do ano... final do ano teve umas coisas lá que...mataram lá... Ah, tá bom, não tá tão violento quanto tava antes... mas eu adoro lá, Ah, eu nasci lá, naquele bairro né... então, não tem jeito, se eu sair de lá eu morro né... (risos), porque meus colegas tá lá, os meninos que eu acho bonito tá lá! (risos).

E Márcia de 22 anos, moradora de um outro bairro, parece resumir esta idéia de periferia aqui apresentada:

as pessoas não tem muita cultura, não tem acesso as coisas... não tem infra-estrutura para os adolescentes, jovens, na parte de esporte... as crianças, os adolescentes não tem muito o que fazer, então é cada um na sua, dentro de casa.

E ainda conclui

É bairro de periferia né? Outro bairro que já morei era meio assim também.

Assim, meninos e meninas pobres do Brasil, um país multicultural, vivem nesta realidade momentos muito delicados. Se a adolescência<sup>3</sup> já é uma etapa difícil da vida para todos em todo o mundo, para aqueles que vivem nas regiões suburbanas pode ser ainda mais conflitante.

Esta pesquisa, em processo de conclusão, pretendeu discutir questões ligadas ao gênero feminino, adolescência e periferia bem como a relação destes temas, com o intuito de caracterizar o processo de construção da identidade destas meninas.

## Bibliografia

- ANDRADE, Elaine Nunes de (organizadora) **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo, SP: Summus, 1999.
- ATHAYDE, Celso; BILL, MV e SOARES, Luis Eduardo **Cabeça de Porco** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt **Identidade: entrevista a Benadetto Vecchi/Zygmunt Bauman** tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

---

<sup>3</sup> Conforme Luiz Eduardo Soares (2005) nem todas as sociedades conhecem a adolescência. É uma invenção cultural recente nas sociedades modernas ocidentais, é uma novidade histórica ao qual correspondem saberes especializados, um mercado específico, metodologia pedagógica especiais, uma psicologia e um cardápio de exigências morais.

- FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, h. & RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995:231-278
- GARCIA, Maria Manuela Alves **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GUATTARI, Félix. e ROLNIK, Suely **Micropolítica: cartografias do desejo**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- KEHL, Maria Rita **Deslocamentos do feminino** Rio de Janeiro: Imago, 1998
- LINS, Daniel (organizador) **Cultura e subjetividade: Saberes nômades**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio De Janeiro: Abrasco, 2000.
- MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis **O que é periferia urbana – Coleção Primeiros Passos** São Paulo: Brasiliense, 1996. (coleção primeiros passos)
- PRADO, D. **O que é família – Coleção primeiros Passos** São Paulo: Brasiliense, 1981.

#### Periódicos:

- Cadernos de Subjetividade – Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. V.3, nº 1 (1995). São Paulo, 1995.
- FRENETTE, M. **Onde eles se encontram**. In: Caros Amigos Especial. Movimento Hip Hop a periferia mostra seu magnífico rosto novo. Ed. Casa Amarela, S.P. número 3
- Revista Brasileira de Educação. Número Especial: Juventude e Contemporaneidade. Mai-Jun-Jul-Ago/1997, nº5; set-out-nov-dez/1997, nº6. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Pp. 25-36; 199-208.

#### Teses:

- ANDRADE, Elaine Nunes de **Movimento Negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo de Campo** Universidade de São Paulo – Programa de mestrado do departamento de metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo. São Paulo, SP, 1996.
- BARCELOS, Tânia Maia **Com que roupa eu vou pro samba?** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Pós graduação em Psicologia Clínica. São Paulo, SP, 1999.
- VICENTIN, Maria Crsitina Gonçalves **A vida em rebelião: histórias de jovens em conflito com a lei** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Programa de Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo, SP, 2002.